



## Enfermeiras militares: papéis desempenhados de 1980 a 1997

### Military nurses: roles from 1980 to 1997

### Enfermeras militares: papeles desempeñados de 1980 a 1997

Camilla Telemberg Sell<sup>I</sup>; Maria Itayra Padilha<sup>II</sup>; Maria Angélica de Almeida Peres<sup>III</sup>

**RESUMO:** Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem sócio-histórica, com objetivo de identificar os papéis desempenhados pelas enfermeiras do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) do Brasil, no período de 1980 a 1997. O marco conceitual orienta-se pelas ideias de feministas como Simone de Beauvoir e Joan Scott, acerca de conceitos de gênero, igualdade, hierarquia e relações de poder. Para a coleta de dados foi utilizada a história oral temática, por meio de entrevista semiestruturada, com oito enfermeiras que atuaram no CAFRM naquelas décadas. O período de coleta dos dados foi em fevereiro de 2012, na cidade do Rio de Janeiro. Os resultados indicam que a Marinha do Brasil proporcionou conhecimento e crescimento profissional a essas enfermeiras, os quais foram desenvolvidos em diversos locais, além de uma identidade militar construída ao longo da carreira.

**Palavras-Chave:** Enfermagem; cuidados de enfermagem; mulheres; enfermagem militar.

**ABSTRACT:** This socio-historical, qualitative study aimed to identify the roles played by nurses in Brazil's Women's Auxiliary Navy Reserve Corps (CAFRM) from 1980 to 1997. The conceptual framework of this study is guided by the ideas of feminists including Simone de Beauvoir and Joan Scott as regards the concepts of gender, equality, hierarchy and power relations. Data were collected in February 2012 in Rio de Janeiro using the thematic oral history technique through semi-structured interviews of eight nurses who belonged to the CAFRM during the study period. The results showed that the Brazilian Navy provided the nurses with knowledge and professional development, which were imparted at various different locations, in addition to a military identity built up over their career.

**Keywords:** Nursing; nursing care; women; military nursing.

**RESUMEN:** Se trata de un estudio cualitativo, con enfoque socio-histórico, cuyo objetivo es identificar los papeles desempeñados por las enfermeras del Cuerpo Auxiliar Femenino de la Reserva de la Marina (CAFRM) de Brasil, durante el período de 1980 a 1997. El marco conceptual se orienta por las ideas de feministas como Simone de Beauvoir y Joan Scott, acerca de conceptos de género, igualdad, jerarquía y relaciones de poder. Para la recolección de los datos fue utilizada la historia oral temática, por medio de entrevista semiestruturada, junto a 08 enfermeras que trabajaron en el CAFRM en aquellas décadas. El período de recolección de los datos fue en febrero de 2012, en la ciudad de Río de Janeiro. Los resultados indican que la Marina de Brasil les proporcionó a las enfermeras del CAFRM conocimiento y crecimiento profesional desarrollado en diversos locales, y también una identidad militar construida a lo largo de la carrera.

**Palabras Clave:** Enfermería; cuidados de enfermería; mujeres; enfermería militar.

## INTRODUÇÃO

Neste país, a primeira entre as Forças Armadas (FA) a admitir o ingresso da mulher na carreira militar foi a Marinha do Brasil (MB). No ano de 1980, o Ministro da Marinha, Almirante de Esquadra Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, aprovou a lei nº 6.807, de 7 de julho de 1980, que criava o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM)<sup>1,2</sup>. A criação desse Corpo teve como objetivo principal inserir essas mulheres na MB para atuar nas áreas técnica, administrativa, de saúde e outras<sup>3</sup>, como também, suprir com mão de obra

especializada o quadro de pessoal da saúde, no recém-inaugurado Hospital Naval Marcílio Dias (HNMD), no Rio de Janeiro<sup>4,5</sup>. No mesmo período histórico da criação do CAFRM, surgia, no Brasil, um movimento dos profissionais de enfermagem para validar o seu processo de trabalho, esforço esse que resultou na aprovação da lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986<sup>6</sup>. Essa lei regulamentou algumas ações privativas do enfermeiro, como planejamento, organização, coordenação, execução e avaliação dos serviços de assistência de enfermagem<sup>7</sup>.

<sup>I</sup>Enfermeira. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Enfermeira da Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina. Brasil. E-mail: [camillasell@hotmail.com](mailto:camillasell@hotmail.com).

<sup>II</sup>Enfermeira. Pós-Doutorado em Enfermagem pela University of Toronto. Professora Associada do Departamento de Enfermagem e Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Brasil. E-mail: [padilha@nfr.ufsc.br](mailto:padilha@nfr.ufsc.br).

<sup>III</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: [aguaonda@uol.com.br](mailto:aguaonda@uol.com.br).

Assim, percebe-se que, com a conquista de espaço no âmbito militar e com a consolidação do processo de trabalho da enfermagem, as enfermeiras tiveram a chance de desenvolver, ao longo desses anos, uma trajetória histórica marcante e atuante em áreas da enfermagem, como assistência, gerenciamento e ensino.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar os papéis desempenhados pelas enfermeiras do CAFRM, no período de 1980 a 1997. A escolha do recorte histórico inicial do estudo – 1980 – ocorreu em virtude da criação do CAFRM; a delimitação final da pesquisa – 1997 – coincide com sua extinção e com a integração das mulheres aos Corpos e Quadros, com o início de novas conquistas de direitos equivalentes aos dos militares do sexo masculino.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Para apoiar a reflexão e a compreensão de como ocorreu a inserção das mulheres militares enfermeiras na MB e quais as atividades por elas realizadas, foi necessário um marco conceitual como alicerce. Por esse motivo, foi realizada a busca de um marco conceitual com pressupostos feministas<sup>8-13</sup>, utilizando as ideias de Simone de Beauvoir<sup>11,13</sup> e Joan Scott<sup>8,10</sup> acerca de conceitos de gênero e suas relações, igualdade de gênero, hierarquia e relações de poder.

O conhecimento histórico adquirido ao longo dos anos não é apenas o simples registro das mudanças nas organizações sociais dos homens e das mulheres, mas, sobretudo, um instrumento que participa da produção do saber sobre a diferença sexual. Os historiadores têm procurado entender como essa área de conhecimento exige *atenção às suposições, às práticas e à retórica da disciplina*, e principalmente às práticas desenvolvidas usual e cotidianamente que, por muitas vezes, fogem do olhar do historiador. Essa área do conhecimento tem contribuído na construção do saber acerca da diferença sexual. Para Scott, a história é considerada tanto foco da atenção analítica quanto um método de análise. O conjunto desses dois aspectos proporciona uma maneira de compreender e de contribuir para o processo através do qual o gênero é produzido<sup>8</sup>.

Diante dessa perspectiva, pode-se dizer que o conhecimento histórico sobre as mulheres militares do CAFRM não é o documento fiel da realidade vivenciada, nem é amplo o suficiente para registrar a real e única condição vivida pelas enfermeiras durante o período estudado. Esse conhecimento auxilia a compreensão do processo histórico, por meio do qual o gênero é produzido, e embasa a busca de melhores formas de documentar fielmente a realidade vivida.

A década de 1980 fez emergir um novo conceito para a historiografia das mulheres que, até há pouco tempo, era caracterizado pela ausência de questionamentos e controvérsias. Foi com a historiadora norte-americana

Joan Scott que se iniciou a discussão sobre a emergência dos estudos sobre a mulher, em que é destacada a legitimidade acadêmica e utilizado o termo gênero como categoria de análise, tornando-se despolitizado e imparcial<sup>8,10</sup>. Algumas autoras feministas acreditam que as bases para esse conceito de gênero foram alicerçadas nas ideias da feminista Simone de Beauvoir, com sua frase: *ninguém nasce mulher, torna-se mulher*<sup>11,12</sup>. A repercussão do livro *O segundo sexo* impeliu as mulheres à luta por seus direitos e pela melhoria de vida.

Traduzindo esses conceitos teóricos para o objeto da presente investigação de estudo, tal escolha contribuiu para compreender as funções desempenhadas pelas enfermeiras do CAFRM. Nesse sentido, é oportuno enfatizar que esses conceitos feministas irão apoiar o desenvolvimento deste estudo, por meio de discussões posteriores acerca dos resultados obtidos.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo de abordagem sócio-histórica. Foi usada a história oral como uma das fontes de pesquisa, tendo em vista a existência de poucos documentos escritos que relatem a história da mulher enfermeira na MB.

O contexto do estudo foi o Primeiro Distrito Naval (DN), localizado na cidade do Rio de Janeiro, por concentrar a maioria das Organizações Militares (OM) de saúde, com maior concentração de enfermeiras.

Os sujeitos do estudo foram oito enfermeiras, que atuaram no CAFRM, no período de 1980 a 1997. As fontes orais foram obtidas por meio de entrevista semiestruturada, em fevereiro de 2012. Para garantir o anonimato, as enfermeiras foram identificadas com a letra E, seguida do ano de ingresso na MB.

As falas das entrevistadas foram interpretadas conforme a análise de dados temática<sup>14</sup>, que se embasou em estudos históricos sobre as FA e também no referencial de gênero de Simone de Beauvoir e Joan Scott<sup>11,13</sup>. Após transcrição e leitura exaustiva do material coletado, os dados brutos foram interpretados e transformaram-se nas seguintes categorias centrais: Assistência de enfermagem na Marinha do Brasil; Gerência de enfermagem no âmbito militar; e Ser enfermeira militar. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob protocolo n° 2406/2011.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Assistência de enfermagem na Marinha do Brasil

A assistência de enfermagem prestada em ambiente militar segue os mesmos preceitos ético-legais da profissão: em qualquer local onde seja executada,

busca-se ter um olhar crítico e cientificizado, visando a um cuidado diferenciado aos militares, em tempos de guerra ou de paz<sup>15</sup>. O HNMD foi o primeiro local de atuação da maioria das enfermeiras pertencentes ao CAFRM. Após a conclusão do curso de formação, em 14 de agosto de 1981, com duração de quatro meses, elas foram designadas para os diversos setores do hospital. Eis os depoimentos:

*A primeira e única Organização Militar que eu servi foi o Hospital Marcílio Dias. Quando acabou o curso, foi feita a distribuição: eu fui colocada como supervisora das unidades de ambulatório. (E1, 1981)*

*O primeiro lugar que eu servi foi o Hospital Naval Marcílio Dias. Fui trabalhar com a área de gestante e puérpera. (E2, 1993)*

O ingresso das primeiras oficiais no HNMD corresponde à própria motivação de criar o CAFRM para satisfazer a necessidade de pessoal de saúde no novo hospital. Entretanto, esse complexo hospitalar, que prima pela qualidade da assistência, vivenciava, na época, uma evasão de suas profissionais de saúde, em virtude de situações desfavoráveis, como a inexistência de plano de carreira e uma progressão funcional que só seria concedida após um período de 9 anos. Essas mulheres, com *personalidades fortes e ambiciosas por conhecimento*, não poderiam se submeter a uma estagnação, que poderia levá-las à situação medíocre<sup>3</sup>.

Mesmo sendo intituladas de medíocres e correndo o risco de serem desligadas da corporação até a sua estabilidade, as entrevistadas não relataram, em momento algum, tais fatores desmotivadores: ao contrário, enalteciam a instituição, principalmente o HNMD.

Como mostra esse extrato de entrevistas, a distribuição de pessoal no HNMD foi pelos diferentes setores. As militares recém-formadas, em sua maioria jovens e inexperientes, assumiram cargos de supervisão como enfermeira-líder e encarregada de setor. Tais funções exigiram das mulheres, em curto espaço de tempo, conhecimento, liderança e tomada de decisões, atividades essas que deram posições de poder às militares novatas. São relatos:

*Após o curso de formação, eu fui designada para o Hospital Marcílio Dias, onde fiquei 6 anos; fui encarregada de unidade de internação, que era cirúrgico, oncologia, hematologia, neurocirurgia [...] (E4, 1993)*

*O [Hospital] Marcílio Dias foi o meu primeiro local de trabalho; fiquei 5 anos como enfermeira-líder, depois fui para a pediatria, como enfermeira encarregada do setor. (E5, 1981)*

As razões históricas para a criação do CAFRM foram o elemento propulsor da fundação do HNMD. Devido a sua magnitude, ele carecia de recursos humanos para sua ativação<sup>3</sup>. Em conformidade com essa justificativa, as enfermeiras foram unânimes ao relatar que a primeira OM em que serviram foi este hospital,

nos seus diversos setores, como pediatria, ambulatório, conjunto cirúrgico, obstetrícia, emergência, quimioterapia e outros, onde lhes foi dada a oportunidade de realizar a assistência de enfermagem aos usuários do Sistema de Saúde da Marinha (SSM).

Outro aspecto importante, nos relatos, foi a contribuição que as enfermeiras do CAFRM trouxeram para a assistência à saúde dos militares. Desde a sua chegada, as mulheres tomaram uma postura que se destacou no meio militar, através de conhecimento, de inovações e do trabalho multidisciplinar, apesar do ambiente majoritariamente masculino, o que não impediu que as enfermeiras ocupassem espaço de liderança na enfermagem. Os discursos destacam:

*[...] fiquei também como supervisora da emergência, implantei a consulta de enfermagem que não existia à época. (E1, 1981)*

*Fui eu que montei a enfermagem feminina na UISM [...] Eu trabalhava muito com a terapeuta ocupacional, eu era a única enfermeira de lá, então eu era encarregada de todas as enfermarias. (E3, 1981)*

*No Marcílio, a gente tinha muita autonomia como enfermeiro; um entrosamento muito bom com a equipe. Eram grupos de autoajuda que a gente fazia com o serviço social, com o capelão, com a enfermagem, então era um ambiente gostoso de trabalhar. (E4, 1993)*

Ao desempenhar as atividades anteriormente descritas, as enfermeiras adentram um ambiente militar predominantemente masculino, com muita determinação e espírito de corpo. Esse trabalho em equipe pode ser visto como um movimento de luta das mulheres pertencentes ao CAFRM, no qual uma se ancora na outra para prestar apoio e solidariedade, conduzidas, ainda, por uma liderança positiva e eficiente num processo contínuo e dinâmico durante a carreira profissional<sup>10</sup>.

Sob esse contexto, as enfermeiras relatam que, apesar de ser recente sua inserção do meio militar, elas já entraram na MB com um olhar distinto, valorizando a importância do trabalho em equipe e se superando ao implementar atividades assistenciais recém-reformuladas, como a consulta de enfermagem, que, em 1986, entrou no ordenamento legal brasileiro do exercício profissional da enfermagem, através da lei nº 7498/86.

### Gerência de enfermagem no âmbito militar

O estudo evidenciou a participação ativa das militares no processo gerencial de enfermagem e também sua satisfação em desenvolver funções burocráticas. Essa realidade aparece quando elas descrevem o cumprimento de diversas atividades administrativas durante a sua carreira militar. Eis um depoimento:

*A grande oportunidade que a Marinha me deu foi conhecer gestão e planejamento de saúde. Mas é essa noção de gerenciamento que talvez eu não tivesse no*

*meio civil, talvez eu acabasse me aposentando como uma enfermeira comum, assistencial. [...] planejar e prover a assistência foi o grande ganho que eu tive. (E6, 1988)*

Como se viu, a entrevistada deixa evidente o reconhecimento à instituição, por ter-lhe dado a oportunidade de gerenciar. Não sem razão, compara a sua carreira militar com o meio civil e conclui que, certamente, não teria tido a mesma oportunidade de planejar e gerenciar a assistência como realizou na MB. O discurso em questão também evidencia o amor pela corporação militar da qual faz parte, uma vez que adjetiva a enfermeira civil de *comum*, o que deixa implícito um sentimento de que a enfermeira militar é incomum, diferenciada, sentimento normalmente manifestado por quem adquiriu uma identidade militar.

Além disso, com o passar dos anos e a ascensão do grau hierárquico, a autoridade e a responsabilidade crescem, e as exigências direcionadas para a parte administrativa, também. Outra entrevistada reitera que as funções gerenciais são tidas como privilégios, que nem todas as militares têm a oportunidade de compartilhar durante a carreira profissional.

*[...] independente da sua profissão, chega-se a um determinado nível, pela posição que você ocupa, que a Marinha e o seu posto exigem o atuar administrativamente. Eu tive oportunidade de gerenciar que colegas não tiveram, elas vivenciam assistência e saúde o dia inteiro; eu não, eu vivencio papel. Então elas têm dificuldade, de fazer, de mandar, de hierarquia, que eu não tenho. Eu sou privilegiada, porque vivenciei coisas que elas não vivenciaram. (E2, 1993)*

A enfermeira refere-se, com orgulho, à oportunidade ofertada pela MB para que pudesse lidar com o mando e com a hierarquia, com subordinados, homens ou mulheres. Contudo, no passado, as mulheres eram hierarquicamente subordinadas aos homens, preocupavam-se em manter a hierarquia entre os sexos, situação em que a submissão era motivo de orgulho; e a hierarquia social, com a família organizada pela mulher perante a sociedade, expressava seu padrão de vida e suas conquistas financeiras, ficando confinadas em seus lares e impossibilitadas de inserir-se no mundo do trabalho<sup>13</sup>.

Entretanto, as enfermeiras relatam as dificuldades que tiveram para dominar o conteúdo presente na legislação peculiar da MB, bem como administrar e formular documentos oficiais, que são utilizados como meio de comunicação entre as diversas OMs e com o meio civil, como as mensagens:

*Ir para a Diretoria de Saúde da Marinha foi um desespero, porque eu ia trabalhar com mensagens, eu nunca tinha visto uma mensagem, e com outra legislação que não fazia parte do meu dia a dia aqui no hospital. Foi na DSM que eu fiquei um período como chefe do departamento técnico [...] Eu gosto da Marinha, eu acho uma casa boa para trabalhar, eu tenho orgulho;*

*mas eu vou te dizer: eu acho que eu aprendi muito mais gerência do que assistência, eu acho que a Marinha investiu muito em mim administrativamente, eu fiquei muito na parte administrativa. (E7, 1981)*

Pode-se acrescentar que o trabalho gerencial, de comando e liderança sobre homens e mulheres, não estava introjetado nas mulheres militares, porque o gênero é uma construção social e histórica com base nas diferenças percebidas entre os sexos<sup>8</sup>. Ainda, na sociedade brasileira, o início do trabalho das enfermeiras foi caracterizado em posição de subordinação, refletida na história da enfermagem, distinta do poder entre homens e mulheres, no qual era atribuída aos homens a gerência dos serviços. Assim, apesar de estarem satisfeitas com a realização de funções de gerenciamento, algumas enfermeiras enfrentaram dificuldades em se adaptar com a burocracia da MB. Em conformidade com esses resultados, um estudo sobre o serviço social na MB mostrou que essas ações gerenciais que permeiam o campo militar, somadas ao acúmulo de funções colaterais, condicionam e limitam a realização do trabalho, distanciando os militares de sua formação de base<sup>1</sup>.

Outro aspecto importante diz respeito aos cargos de chefia e direção ocupados pelas enfermeiras. Neste estudo, atribuições importantes, como as gerenciais, ocorreram mais no final da carreira profissional, quando elas já ocupavam o posto de oficial superior, o qual exige responsabilidade, comprometimento profissional e liderança das oficiais enfermeiras:

*[...] eu estava bem na chefia de enfermagem do Marcílio Dias, transformamos de Seção para Divisão de Enfermagem, e hoje é um Departamento. Tudo foi comigo, o Almirante foi dando essa autonomia para a gente. Terminei meu último período na Marinha como Diretora da Escola de Saúde. (E1, 1981)*

*[...] quando fui para a reserva, eu era Encarregada da Escola de Saúde. (E5, 1981)*

Como exposto, os cargos de chefia conferem orgulho para as enfermeiras militares. Apesar das dificuldades encontradas desde a chegada, sofrendo a pressão hierárquica, advinda dos militares do sexo masculino no decorrer da carreira, em que somente eles detinham o conhecimento e o poder, as oficiais descrevem os avanços que obtiveram durante os anos de chefia, complementado que isso se consolidou através do conhecimento e da confiança adquirida pelo superior hierárquico.

Os depoimentos comprovam o estudo sobre as mulheres na MB entre 1980-2008, quando afirmam que aquelas com nível hierárquico mais elevado exercem mais cargos de chefia do que as oficiais mais modernas. Referem, ainda, que os desafios de gerenciar, encontrados pelas oficiais, são válidos para adquirir conhecimento pessoal e profissional, contribuindo para uma nova forma de chefiar, mais sensível e com um linguajar mais comedido<sup>2</sup>.

## Ser enfermeira militar

A missão da MB consiste em

Preparar e empregar o Poder Naval, a fim de contribuir para a defesa da Pátria. Estar pronta para atuar na garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem; atuar em ações sob a égide de organismos internacionais e em apoio à política externa do País; e cumprir as atribuições subsidiárias previstas em Lei, com ênfase naquelas relacionadas à Autoridade Marítima, a fim de contribuir para a salvaguarda dos interesses nacionais<sup>16:1</sup>.

Assim, as atividades *militares* que as enfermeiras executam demonstram o compromisso assumido com a MB, resultando em responsabilidade, dedicação exclusiva e, muitas vezes, abdicando de sua formação acadêmica de base, conforme exemplificam as falas seguintes:

*[...] você entra como enfermeira e também desenvolve diversas atividades, porque você é vista como militar, você não vai ser vista apenas como enfermeira. Você vai atingindo antiguidade, e vai recebendo responsabilidades. (E7, 1981)*

*[...] fizemos o curso para isso, para responder às outras tarefas que a Marinha exige, não só de profissional de enfermagem, mas também outras situações militares que surgem em que temos que atuar: a gente, além de ser enfermeira, é militar. (E5, 1981)*

Sobre a dedicação exclusiva, tal processo é inerente à carreira militar e é introjetado precocemente desde o curso de formação das oficiais. Não é sem razão que as enfermeiras se dedicam e, muitas vezes, abrem mão da enfermagem, para enveredar por um caminho repleto de fainas exclusivamente militares.

Historicamente, a busca das mulheres por posições de comando, em geral, ainda é reduzida, e não é diferente nas instituições militares. Entretanto, com a inserção das mulheres nas FA, elas começam a assumir posição de liderança, fruto de seu conhecimento e da posição hierárquica galgada durante a carreira<sup>17</sup>.

Dos depoimentos das enfermeiras, depreende-se que elas executam funções *militares* ou *encargos colaterais*, como são chamados no ambiente militar, executados paralelamente ao posto de sua formação:

*Eu terminei meu tempo na Marinha como encarregada dos serviços gerais, não tinha nada a ver com a enfermagem. (E3, 1981)*

*[...] eu voltei para o Marcílio em outra função, como assistente, trabalhando no gabinete, eu era relações públicas, controlando tudo! (E2, 1993)*

*Há algumas atividades que atrapalham um pouquinho a gente como enfermeira, porque você tem que ser conferente: de cofre, de paiol, de gênero, de material, de tudo que se paga e se compra na Marinha [...] muitas vezes, você fica desvinculado de função e acaba fazendo essas atividades paralelas. (E5, 1981)*

A dedicação das enfermeiras, nos diversos setores da MB, é significativa. Elas assumem funções para as quais não foram preparadas na graduação, como ser encarregada dos serviços gerais, por diversos motivos, como, por exemplo, falta de pessoal e competência para assumir o cargo. E tais atividades, regidas por um rígido regulamento, causaram empecilho e atrapalharam o dia a dia das oficiais, que paravam o que faziam para executar fainas colaterais.

As militares reconhecem a sua importância e compromisso com a pátria. Abrem mão, muitas vezes, da convivência em seus lares e com suas famílias, para dedicar-se, exclusivamente, ao emprego na força naval.

Ao ingressar na MB, a enfermeira militar não tem conhecimento de que, não raramente, deverá executar atividades militares paralelas às da formação profissional de origem. Foi possível identificar que estão satisfeitas com a carreira escolhida e superaram qualquer tipo de revolta ou estresse porque, acima de tudo, elas são militares! Corroborando essa ideia, um estudo sobre a formação da identidade em ambiente militar evidencia que a formação militar tem como um de seus objetivos destruir a identidade civil e desenvolver a identidade militar, e que essa identidade deve se sobrepor à identidade de profissional de saúde advinda do meio civil<sup>18</sup>.

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, foi possível identificar os papéis desempenhados pelas enfermeiras pertencentes ao CAFRM durante seus 17 anos de existência, desvelando as funções desempenhadas nas OMs de saúde e destacando a assistência e a gerência de enfermagem como pontos fortes de atuação.

Outro aspecto mencionado diz respeito ao HNMD, que foi o berço de aprendizado das enfermeiras e que, hoje, é um hospital de referência das forças armadas por seus recursos humanos, tecnológicos e a excelência do atendimento prestado aos usuários do SSM.

Além de possibilitar saber um pouco mais sobre a carreira das enfermeiras no âmbito militar, os discursos das enfermeiras nos proporcionaram o acesso a esse universo tipicamente masculino e rígido, no qual, paralelamente à enfermagem, são realizadas inúmeras atividades exclusivas das Forças Armadas. Nessa área, uma carreira profissional exitosa exige espírito de corpo, liderança, respeito à hierarquia e muita disciplina.

## REFERÊNCIAS

- 1.Santos CRO. Serviço Social na Marinha: uma experiência na Escola de Aprendizes-Marinheiros de Santa Catarina (EAMSC). [trabalho de conclusão de curso]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2009.
- 2.Lombardi MR, Bruschini C, Mercado CM. As mulheres

- nas Forças Armadas Brasileiras: a Marinha do Brasil, 1980-2008. São Paulo: FCC/DPE; 2009.
3. Araujo CJA. Quadro Auxiliar Feminino de Oficiais: uma nova proposta. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval; 1987.
4. Lombardi MR. Profissão: oficial engenheira naval da Marinha de Guerra do Brasil. *Rev. Estud. Fem.* 2010; 18:529-46.
5. Orichio APC. Mulheres na Marinha: o processo de formação da primeira turma de oficiais enfermeiras, 1981. *Rev Pesq: Cuidado é Fundamental (Online)*. 2010; 2:388-90.
6. Ministério da Saúde (Br). Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 1986, 26 jun. Seção I – fls 9.273 a 9.275.
7. Kletemberg DF, Siqueira MTD, Mantovani MF, Padilha MI, Amante LN, Anders JC. O processo de enfermagem e a lei do exercício profissional. *Rev Bras Enferm.* 2010; 63:26-32.
8. Scott JW. Preface a gender and politics of history. *Cad Pagu.* 1994; 3:11-27.
9. Torrão Filho A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cad Pagu.* 2005; 24:127-52.
10. Scott JW. O enigma da igualdade. *Rev Estud Fem.* 2005; 13:11-30.
11. Beauvoir S. *O segundo sexo*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1980.
12. Borges JV. Para além do 'tornar-se': ressonâncias das leituras feministas de 'o segundo sexo' no Brasil. [dissertação de mestrado] Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2007.
13. Beauvoir S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. v. 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro; 1967.
14. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª ed. São Paulo: Hucitec; 2008.
15. Alcantara LM. *A enfermagem militar operativa gerenciando o cuidado em situações de guerra*. [tese de doutorado] Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2005.
16. Marinha do Brasil. *Missão e visão de futuro da Marinha*. Brasília (DF): Centro de Comunicação Social da Marinha; 2012.
17. Silva JS. *Mulher militar na Marinha do Brasil: percepção da práxis feminina e suas implicações para a gestão de pessoas incluindo gênero e cultura organizacional*. [dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá; 2006.
18. Bastos MLC. *Formação de identidade da mulher militar: análise do caso do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro*. [trabalho de conclusão de curso]. Rio de Janeiro: Escola de Formação de Oficiais do Exército Brasileiro; 2009.